

© 2008 Copyright by Ylo Barroso Impresso no Brasil / Printed in Brasil ylobarroso@yahoo.com.br

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS **Editora Corsário S.A.**

Al. das Violetas, 279 - Papicu - Fortaleza - Ceará 60.190-310 - Tel.: 85 8711.2686 www.corsario.art.br - revistacorsario@gmail.com

Ficha Técnica

Editor Responsável Mardônio França

Projeto Gráfico e Edição de Arte Roberto Barros e Uirá dos Reis

Editoração Eletrônica

Francisco Batista

Capa

Comunike Mídia e Design (Rachel Bedê)

Revisão de Textos

Carlos Emílio C. Lima

Ilustrações

João Luís

Impressão

Expressão Gráfica e Editora Ltda.

Catalogação na Fonte

F 827 t Fraga, Ylo Barroso Caiado Tris./ Ylo Barroso Caiado Fraga.-Fortaleza: Editora Corsário, 2008.

84 p. ilus.

ISBN: 978.85.7563.397-7

1. Poesia brasileira I. Título

CDD: 869

INTRODUÇÃO: Remotas canções de montanha com sua música invisível

Quase toda essa poesia, inscrita na água votiva destas páginas branquíssimas de intensidade florescente, é a forma de procura de uma melodia fugidia, uma música em busca de vértebras, ardentes de argila, móveis. Irrigação. Nada está fixo. Apenas o coração profundo, atento, sinestésico, sagrado, nosso eternamente adolescente sol interior, considera o mundo e o contato invisível dele com todos os outros mundos, através de fiapos capilares escritos de mel silvestre. Se as abelhas, os galhos, os ramos, as águas da chuva, as partes mais densas, finas e úmidas do ar desenham, isso, tudo, eles todos ultradesenham através das mãos do poeta, esse joão-de-barro da mente da natureza. A poesia humana mama no éter: esta é sua senha sedenta.

"ver as coisas mais que todos os sentidos:"

Esses poemas daqui parecem sair dos sumos das frutas recônditas, atentivas da luz silvestre, do profundo da mata, poemas escritos à sombra das grandes árvores desconhecidas na mão da pedra destinada, rupestres nos muros mais úmidos e esquecidos que rodeiam, fragmentados, os últimos solitários terrenos baldios nas extremuras da cidade-

ser, quando se entra no campo da alma de repente, numas lufadas de direção retomada ao não-percebido anteriormente, poemas escritos com a força aproximativa do longe, no hoje da eternidade da atenção do leitor. A mente do leitor torna-se esse muro rugoso, essa pedra musgosa antiga, esquiva, num ermo distante, a recender de compreensão de chuvas.

A primeira vez em que li os poemas de Ylo Barroso, redescobri, homem urbano a contragosto, uma máxima, tão intensa delicadeza para a qual não percebia então similaridade em qualquer matéria, líquido, película existente na Terra. Era uma forçadelicadeza que começava a banhar de um novo azul de ilimitada transparência o universo. Diziam os primeiros versos lidos, em suas transferências sígnicas de primavera:

"uma voz no rádio, volátil que signo dizia: - minha felicidade é completa. sonho? araiaué."

Eram poemas de quem não fora triturado, não tivera a sua mente trancada numa piscina sonhando fantasmas de lagostas de metal alimentadas por metálicos ruídos urbanos. Aéreos poemas de um daqueles ainda seres humanos abençoados pelas remotas murmurações do m, de quem ainda recebia mensagems amnióticas da mãemar, e dos pais

ctônicos do sertão, remando-orando pelas correntezas mnemônicas da amortesfera. Bilabiações elementais.

Eram versos de alguém educado pela água, tangido e esculpido pelo vento com as secretas sementes de fogo da palmeira no tom ambiental dos olhos, tudo isso intensificando a direção das linhas de sentido, os fluidimentos de uma caligrafia, nervuras da chuva decifrantes. Momentos de intensidades puras, para lá do pretendido e do intuído. Poemas de vozes de porcelana conversando com as vozes dos seres ventilados. Escritos por um ser híbrido, conversações cujas partes principais ecoam em diferentes pontos de sua própria paisagem. Onde terminam os seus braços, onde seu corpo começa, disso sabemos pouco. Sabemos que por aqui circula entre nós como um duende urbano nosso amigo Ylo Barroso. Escreve na língua portuguesa abrasileirada dessa parte nordeste do continente, misturado conosco.

Mas de onde tudo isso vem, em que metades de si mesmo ele mergulha distante para escrever essas transições silvestres que dilatam a consciência, esses poemas de uma música de um estranho azul amarelo, poemas que se dizem com a boca fechada, céu aberto, sem o estardalhaço das nuvens, isso é mistério, mistério.

> "há um canto estranho que ressoa e alardeia sombras nos telhados.

vou olhar. não há nada. perdeu-se nas estrelas, exatamente."

pois são rituais de artes poéticas de um arcaico futuro a ser muito estudado pelos antropólogos virtuais das regiões das mentes expandidas, de alguém cujas muitas partes em muitos lugares de sua geografia são zonas-zen alertas para o sobrenatural e para tudo o que canta nas formas férteis da Terra:

"neste lugar místico e tão sem passado enterro nomes antigos enquanto avisto o mar".

Os poemas são tão impregnantes que qualquer crítica é glosá-los pois o elemento deles ar-quiteto é o vento em que , com ele, Ylo, esse calmo rabdomante das forças elementatyvas da lýngua poétyca, escreve com sua varynha de condução ao inesperasentir os mais simples e duradouros inventos, arcabouços lingüísticos, cestos suspensos de pensar para a mente crescer, transbordar-se, orquídea com pistilos estelares...

Poemas musicais de raro efeito, de música ionizada, esgarçamentos de sentido de quem foi tocado pela mata, pela margem de ervas do lago da duna, através de um beijo-aragem, por amante que já voltou para a noite, na casa de uma estrela perdida.

duna, através de um beijo-aragem, por amante que já voltou para a noite, na casa de uma estrela perdida.

Um poeta que se rende à ordem confusa e liberta do mundo. Que sabe que existe um lugar: morada dos olhos totais.

O método de Ylo, florações plurais, é mais ou mais o de alguém que deixa as coisas da paisagem, da natureza, ocorrerem soltas, para que então elas mesmas assim escrevam seu poemaconte-ser, que descrevam o seu próprio surgimento. Ou que se deixa a ler, frescor, e simplesmente tranqüilo, pensar-se por um lago. Algo extraordinário reacontece: sentimos um tônus, um tom, uma escadaria marítima de ritmos, colheita secreta, voltar nos dedos dos netos dos modernistas remotos. Mas agora inst-alados em poemas quase perfeitos escritos nas estradas fora do sono, na levitação da atenção de um clarão de cem anos:

"por estarmos em campana
e sós, atentos a tudo
que se passa
em nós, e a tudo
ultrapassa, perdurando,
devotando-nos à vida, ao todo
é que chegar podemos
exatamente onde estamos"

Entretanto, às vezes, uma certa fúria de rua irrompe por baixo da delicadeza como um reajuste, registro teledigital do caos impresso em fita comprida, rebeldes inscrições cardíacas:

"na cidade, despedida

das mangueiras de braços cruzados contra todo o lixo e

dos coqueiros alçados assomo uníssono sono ferido

dedos crivados contra a própria pátria próprio solo

século contra a própria sorte vento que deposita ossos na brevidade deste último espelho d'água desta última gota de pólen"

Há uns dois ou três tipos de poemas neste livro. Mais numerosos os mais calmos, escritos como se traduções de garoas de ideogramas chineses vivos voantes, doces revoadas de insetos caligráficos, espíritos atmosféricos de Feng Shui com seus cílios de bambu a observar montes azuis com os pés de areia densa molhando-se na correnteza do rio da mente reve-lendo a pedra luzidia onde se escreve, autóctônico, como em testa a têmpora o poema a frio. Exemplo tépido e mor o poema intitulado "Cacida do bambu abandonado".

É sempre um deciframento mágico, de um escamoteado temporário, desse diálogo vapóreo com as vozes aromáticas da natureza, seus pensamentos de cheiro. Essas lentárias canções escritas, em câmaras-lendas, canções sem uma única melodia no veio, escritas somente para a gente inventá-las, às suas melodias, canções de amor livres, de múltiplas

9

asas, sempre mutantemente novas, branquíssimas para cada cantor-leitor-instante, parecem mesmo aureamente herdadas do Modernismo: Mário de Andrade, Drummond, Murilo, Girão Barroso (verler Canzonetti/cantiga).

Poesia artesanal, escrita à mão, "arte-poesia" sobre a areia da praia, carta invisível a um deus que se derrama do acaso, que atinge o arco, o vôo, a metamorfose sempre em sua síntese inexplicável. Belos semblantes de ritmos, de temperaturas-pontes entre as palavras, intervalos, em sua disposição no jardim do poema:

"pontuação que se adivinha"

Antigos e esquecidos poemas chineses de Li Po, Wang Wey, Tu Fu voltando pelas estradas de sentimento do éter, reumidificados pela caligravia de água movente de um jovem poeta brasilês que sabe captar o místico-sensório, o remoto, o inatingível com suas palavras buscantes através de sua tímida e trêmumula (pelo sopro do vento da montanha nos bambus) caligrafia vital.

Nas formas esgarçantes são diamantes nãoduros, gemas de vapor de luzes, esses poemas nada geométricos, movidos por uma estranha lapidação aerada a dizer o impossível até então de ser dito no relâmpago cinematográfico do escrito:

"o sol é selvageria branca

fodendo a noite até raiar o dia no rádio."

Ou ainda:

"saudar o sorriso do menino no espelho no bojo da consciência do cajueiro"

Ylo Barroso é um poeta brasilês de mais novo tom infinitesimal, bicho-de-seda tecelário, criando, poeta-de-natureza, poeta em estado de natureza, seus novelos de entre-sonhos. Reecoando o que escrevi ainda há pouco sobre esses poemas, tais purezas de finíssima fúria leve, de ultraconsciências da natureza através de poeta de médium natura que sabe arar o mar, a superfície dos lagos, e o ar, com os olhos, retrans(miti)ndo constantes poemas chineses transparentes na pele dourada das pedras de beira-rio que costuma visitar fora dos sonhos.

Carlos Emilio C. Lima

tris



à Antônio Girão Barroso Gerardo Mello Mourão José Alcides Pinto, in memoriam.

aos meus pais e à minha família à Bárbara e Bento, nova família ao corso, aos cúmplices à Vida.



O PALPÁVEL PARADOXO

para ti tenho duas línguas, Solilóquio. peço duas coisas:

um lar imaterial.
feito de sons assim, como do vôo
e do longínquo olhar
de asas silentes que se alçam
e tardam a cansar.

ver as coisas mais que todos os sentidos:

- quanto mais próximo, mais belo!

ATALAIA II

uma voz no rádio, volátil.
que signo dizia:
— minha felicidade é completa.
sonho?

araiaué.

TRAIRI

ah viver! viver era muito ali!
onde cada olhar era uma paisagem além de mim
e cada coisa além disso era muito e sem fim,
tudo era o sal do sol da lágrima
que explodiria em meu rosto
quando eu fosse algo circunstanciável,
o quente sentíssemos nos dedos,
o calor da terra não precisasse mostrar-se
para que se realizasse a vida
para homens e percevejos e rola-bostas.

de que matéria é feita a memória e para que servirá? meus cabelos irão crescer em qualquer direção. oh estiagem branca, seio arbóreo de minha mãe, visível e em pelo, devoto e devorador!



BARBADOS/ATALAIA IV

bafo ou aragem na beira do cais?

que calmaria ao derredor?

há um canto estranho que ressoa
e alardeia sombras nos telhados.
vou olhar. não há nada. perdeu-se
nas estrelas, exatamente.
há lenços de luz que rebrilham,
pinicando sordades
e lavram o tempo no peito das embarcações.

neste lugar místico e tão sem passado enterro nomes antigos enquanto avisto o mar.

A CASA ANTIGA

a tarde, em meus olhos, visita a casa.
à frente, do outro lado do que se passa
- a rua, os homens – a honestidade
da casa em branco contorno, nela
o que ainda se move, nela o que ainda
se vê erguido, mas a mente da casa
é um fino regato e sua cólera nos engana.



MANGUEIRAL/PRECABURA

"ermo e cidade espreitando-se" Carlos Drummond de Andrade

para Uirá dos Reis

a terra elucida-se à pele do pé

na cidade, despedida

desta última gota de pólen

das mangueiras de braços cruzados contra todo o
lixo e
dos coqueiros alçados assomo uníssono sono ferido
dedos crivados contra a própria pátria próprio solo
século contra a própria sorte
vento que deposita ossos na brevidade
deste último espelho-d'água

mais um gole da cidade e pronto é finda tua raiz genealógica veia-duna entre parêntesis de concreto e o que sobra é sobra é

merda

conquanto saibamos estamos agora reunidos a causa

a sede do pé e do olho tudo ainda é muito belo

conquanto escutemos a sirene muda do coração e a sisuda espreite nosso ninho e voz

e os ossos alcancem-nos e partam-se em nossas pernas

desfazendo antigas canções espiamos o repentino espetáculo

desta última lua engolindo a voz bruta às vezes a beleza é esmagadora eu penso nada pode escapar ao seu tempo aos seus tentáculos

nada

FLOR DE AMEIXEIRA

um dia farei contigo longa entrevista apenas te olhando nos olhos após uma caminhada na relva quente e molhada e um banho no regato

sentados na sombra olharemo-nos calados aí reconhecerei tua voz nascendo onde queira pense flor de ameixeira estás aí uma vez no chão e no que dele nasce eternamente pelos teus sons montanha que se fez na suavidade e o vento não altera e o tempo reverbera tu mesma e por tuas ermas bermas guia-se sulcando teus vales e te amando no sonho que não acorda mas que teceremos de ouro rosas e nuvens gordas e reticentes embriaguez e zooplâncton

noctiluca notívaga sabendo a cica que deseja a boca e

vai das raízes em minhas sobrancelhas à tua pálpebra casulo da borboleta acompanhados só da música e dos cheiros de nenhum canto e nenhum tempo

sem nos darmos conta exatamente perdidos que estamos muito embora os corpos estremeçam de todo, subrepticiamente.

A BAIXAMAR

reminiscências vibram lentas nas conchas a tarde vira pirâmide e ignora o tempo

notas graves escapam sem fugacidade a tarde assobrada um arremedo de geometria

o drama, nó eterno e perfeito sempiterno, arrefece nos recifes – pátio para o céu de Parákletos

CRIANCÓ

quando passeamos pelo Criancó é esse vento que ouço gritando aquilo a que chamam silêncio?

eu vejo o sono que brota dos olhos fartos de azul

e a cada dia que passa algo em nós que não se modifica

saber a partida breve sabendo a vento manso

o pétreo Criancó rachando, sob o luar

não se move no mundo mas o engendra

um é sono profundo lenda

o outro o promove metamorfose

CANZONETTI/cantiga

Mireia perdeu seu brinco na água fulva do Criancó

- e o Criancó rejubilou-se do regalo de Mireia
- o brinco com o sol caía manso no abismo loiro
- e Mireia chorando dizia o sol amanhã retorna meu brinco retornará?

já os caracoizinhos enamorados estavam com o mistério reluzente quando caiu a lágrima para os apascentar.

ÉTER, HETEROGÊNESES

"Cidade flor ou z," Carlos Emílio C. Lima

Para Cecília Bedê

uma cidade e suas têmporas exangues um hiato e depois uma brecha bêbada insinua-se para um longe de cães vadios quase e passa e se vingar são vinte que aquecem o passo aquece teu passo eu aqueço o passo na cidade é minha cidade silêncio moído com brio doía no peito uma lágrima algazarra dos anjos em debandada furor entrópico dos gestos corpos que não chegam a se formar na minha cidade e suas cidades de corpos de pelourinhos que ainda transpiram e patíbulos que ainda sangram e pedaços de cidade ajuntados nos vestígios de selva invisível e uma beleza que é como o tempo e esvai-se em tinta e é minha cidade e não sabe se sonha ou acordada refaz o mito de si

heterogêneses ainda tijolos ainda matéria dessedentando o éter seus cavalos suas tropas a volúpia encarcerada já quase derrama no furor entrópico dos gestos é minha cidade de acúcar e alumínio e do veloz outro acorrentado como a dama da notícia à solidão de um nome esquecido na entranha solidão de parágrafo reptiliana múltipla como um pomar um poema é minha cidade nossa cidade nossa andorinha aquece teu passo e me acha outra vez que ande com a cidade acompanha o andor ele cresce e caminha é a cidade à fórceps

DOMINICAL

genuflexo
brincar sobre o que já foi
feito, ter às mãos algo
indelével, por sobre o
peito, ungido
de marulho,
de assombro

e então
evitar tropeços,
chutes em tábuas
para então



DEMIURGIA

eu hoje não serei aquele a cultivar poesias redivivas a falar da vida como quem fala de si a falar de tudo como quem cala o outro

é tudo sombras de uma imensidão que há em qualquer objeto que se veja ou imagine

nada com olhos arregalados vou olhar não metamorfosearei o mundo segundo minha própria vontade

deixo-te
passas à vontade
e não te importuno
dorme anda canta puerilmente
e ainda serei um que pôs os olhos em bom lugar

TRAJETÓRIA DO POEMA

às vezes o poema parece querer apenas ou tudo ou qualquer coisa mas cansado quiçá exausto de querer ser uma coisa e não sê-la tanto só mesmo que não o notem uns olhares brandos o poema se apequena perante si sim às vezes ao poema parece inútil achar-se abrigo em casos de assim digamos assuntos os mais poéticos a solidão de mil rostos a morte sem rosto a chuva a cair e assim o poema desmancha-se exaure-se como dia após outro fatal.

FUNDO DO MAR E ESPUMA

algas do mar algas no fundo do fundo do mar que mais há?

ser peixe.

bastará?

meu coração é bruma dos sentidos.
o teu espuma,
vadia, some.
vi-o espuma, vivo.

IMPRESSO / EXPRESSO

da chuva que tilinta lá fora induzo-me a uma boa preguiça fico com vontade de beijar as coisas

até do ônibus que tomei há pouco guardo tenras lembranças

do olhar cúmplice dos passageiros adivinhando a poesia

do roçar de rodas no asfalto lavado ensinando a poesia

do cheiro de terra molhada que já sumiu eu a cada canto a me descobrir

LUA CRIS

...eclipse, ecris, lua cris. A lua cris sói originar sofrimentos, infortúnios, desgraças, doenças...

Dicionário do Folclore Brasileiro, Câmara Cascudo.

aqui neste lugar não transpareço a fuga que há em meu desejo; aqui não sinto, mas gostaria, minha garganta desnorteada enquanto um gim e um cigarro atrasado despedem-se, desejo coagulado, a ponta de cigarro no cinzeiro derramando o preocupar-se com todas essas tramas, cujos elos ainda não consigo coadunar.

a lua pústula inflamada, nessa espera tão mais longa que o abismo em que quedara, esta lua não serve de nada. junto com a terra, a engolirei. os sentidos a engolirão, num mote mágico, e é certo, e matemático como minha dor.

os cães estarão aqui para latir e coçar-se, dizendo ao mundo que ainda há vadiagem, para caçoar da surrealidade, para mijar sobre a surrealidade de nanquim. para despir todos os estratagemas, varando cercados e ladrando ferozmente.

não se vê tempo.

a lua pálpebra semicerrada, espreitando, sob um véu de neblina cheia de maré, telhas de amianto, colunas largas de ciprestes, latidos de cães insones e a luz morrinhenta na cantilena dos postes. o que era aquilo então? eterno silvo de trem. anunciação. conceição. assunção.

— é por isso que agradeço bastante a todos, tu, ó noite, melhor amigo!, mas é que de hoje não passa, impossível cuspir este engasgo, surdo e profundo, nem extirpar deste ventre inflamado o feto cego de nenhum pai; peço-te então, amigo, não vogues hoje, pois não te quero fazer chorar estrelas (uma letra desdobrando-se em dois, três sexos), não ousaria pedir-te que carregasses no colo a madrugada feito flagelo, entre os latidos insones.

a lua não conhece carne, dor, existência. qual de nós, então, o Demiurgo?

fechando-se em copas desaparece, e no negror o horizonte, e neste, possibilidade, enquanto a resposta que investe em meu peito é muda faca túnica máxima eclipse total silêncio nítido serpente que se devora. eis, em mim, sua opressão: criação mútua, de carne, de céu, sendo una, culpa louca, o demiurgo mata-se, a criação queda-se órfã.

CACIDA DO BAMBU ABANDONADO

o bambu dourado quedara-se na água e a água fremitava

mas o tempo lesto fizera-o imóvel mesmo: dormitava

ali abandonado nem mesmo o sol ao dia bom o acordava

mas em seu dourado parado naquela água onde deparava

meu olhar displicente e só, e de resto nenhum ser vivente

é que a vida se via impermanente

AMOR INUSITADO

vagalume pinçou no céu estrelinha verde:

rosa libélula rosa laranja rosa rosa-menina salmon amo-te

CANÇÃO PARA GERARDO E MUSA

Para Byanka Campos

mar de Gerardo, famigerado mar carmim, mártir domado, marcado em mim desde quando lancei os dados

e de sangue embebido, gerado de tuas próprias mãos, Gerardo dizendo delenda Carthago dono desta vida sem debrum

dixit Mourão: ego poeta

poeta sum – pois nasci quando

a mão celeste ordenhava estrelas

mas admito palavras faltam
nestes espaços novos
onde plantamos fé
e colhemos óbice
palavras restam
destas tardes
de cântico
e gesta

```
e doido digo
```

vou

espera, vou e estou

já aí

pois para ti

já sou

tanto

e vário

e doido digo

e doido vou

vida e morte

espera

. . .

que anjo moreno habitou a noite do dia e divã de perfume e passamanes? que passamanaria esta pássara e franjas e borlas e vincos e nos vincos e rincões a sopétala o tesouro e em repouso absoluto o tesouro a rosa só pétala a flor sopesada repousada em beleza ia assombrando ia tecendo

e pássara passará
em franjas e borlas e vincos
e nos vincos e rincões
de tules tristes de sedas alvas

passamanarão

tua tez tua

messe em passamanes

da madrugada em ti dormindo:

essa aragem que escorrega

vai te cantar mais longe

e mais longe

como trama

e tessitura

tumefaz -se meu canto para ti.

TRIS

pontuação que se adivinha
um longo poema
de frase por ser dita
um hiato branco
que o cigarro dá
uma ciranda crua
para cárdeas bocas
uma lua assídua
e outro coração perdoado
isso a cidade e fumaça e desenredo





Ó, OBLIVION

tudo foi farto e primoroso prazer à altura do meu pescoço

de 0 a 10: um viva à voz do povo

em compensação eu não me lembro bem

AS CIDADES SÃO IGUAIS

"Fortaleza, meu bem, você está grávida?" Antônio Girão Barroso

tu cidade me assusta ouço o eco de antigos e o que vejo não gosto: és grávida porém pobre e puta (forte de pia, só)

e nas férias
fere-me tão
aqui no peito
minha amada entristece
o sol é selvageria branca
fodendo a noite até
raiar o dia
no rádio

ODE VERDE ONDE MEDRAS

```
saudar o sorriso do menino no espelho
no bojo
da consciência
do cajueiro
eu-e-tu
vermelho
eu-e-tu
amarelinho
nós
éramos os galhos da mangueira
e o sorriso do menino manda
e é como se o dia não acabasse
reverdescesse //
// em cada flor um livro
brota procuro o nome
da papoula chama-se
brunida, relâmpago
e ferida. dardo
e boca.
```

AINDA, OBLIVION

meu amor te escrevo do paraíso vim buscar umas coisas que tinha esquecido



BÁRBARA

fala, Bárbara, pra mim se é loucura estarmos sãos se é silêncio e sincero sair assim pelo mistério sem dar a mão a mais ninguém

se o seu sorriso é real
Bárbara, mais que ninguém
que eu, que dois, que um sinal
que minha vida na tua estará
como ponto em seu centro a girar

CERRADO ou Eu sou o autor do seu sonho

fotografas pedras movendo-se: sou constelação e você vai tentando me escrever tuas mãos incólumes estão trabalhando ao som delas vou crestando

(um céu

bem desenhado estorva o lance das linhas)

pulsando para o princípio

eu não posso ser escrito é só um estilo que fica

eu não posso ser escrito sem que o algo que explica não turve com gesto brando de dizer cheiro, gosto ou o menor silêncio, gritando

DOR DA CHUVA

acho que hoje vou chover
molhar este amor que passou
tardio e zunindo feito grilo renitente.
a dor ao encontro da dor, a dor ao
encontro do prazer, a dor do teu
prazer doendo no teu coração,
ao encontro do prazer, meu,
súbito, parar-no-tempo.

CANÇÃO DE ENCONTRO

"Tentei escrever o PARAÍSO Não se mova Deixe falar o vento Esse é o paraíso."

Ezra Pound, Canto CXX

como céu e terra, eu e tu
viremos a nos encontrar
mais adiante, ao pé da montanha
inebriado de névoa primaveril
que nos prepara verdemente
se não o firmamento, abrigo.

borrasca dos meus olhos em ti, signo mudo, sutil, o sabor ao invés da palavra seus olhos os meus na verdade e sobre o tapete de relva o pequeno gesto repetirá a paz e perdurará tecendo em teus olhos olhares e veios em tua garganta que a chuva não apascenta senão sonhos e poros mas poderemos reparar nossos pés molhados sentados para a ceia e o chá. OM SHANTI. OM SHANTI.

HELGA

alga farol Letes fogazul

o que olhas e está ao redor

e não pode dizer senão do que respiro

teu corpo, arte do silêncio e da luz

balouçante o que isca em tua rima

o que prolonga as distâncias
e aproxima brusca a noite
no colo de teus olhos e no cume
de teus dedos ariscos
como algas que se acumulam
na areia

como areia cravejada do que buscas buscas

podes, Helga ser assim margem tris

ou uma chama em um instante se se demora em teu azul.

AZUL

a luz azula o tempo todo

um triste tris o vidro trisna

FALSO POEMA METAFÍSICO

cá ando e nesta rua
esta, amor, que não é a sua
nem cruel nem boa nem fria nem quente
a humanidade é sua incerteza em pisar
vejai o dia presente:

são milhões de olhos a espreitar outros a se chocar e mesmo entrelaçar-se num só grande olho que é o de Deus

e que tem Deus com isso, perguntas juro-te desconhecer apenas sou um pequeno saramago a beijar nenúfares minha vida é esta, e não estou perdido

POEMA SEM O AUXÍLIO DE COMPUTADORES/ sur dada

me liga diz uma poesia

de amor sincero

me acorda grandes sementes

existo em teu colo

azul de cajá-eu-sonho-teu-ventre.

JEQUI

```
se
qualquer
caminho
vereda
olhar
por
entre
dunas
de
verde-aquático
a
ti
chegar
é
mágico
```

O BÊBADO

para Mardônio França

aos céus, virgem lousa, aos ventos quebranta-se a lua – apêndice do mundo, imagem que o mar rebate: luz.

à terra, é pó
e flutua.
quer seduzir a lua:
a voz, em conluio com o mar,
como se de um peito
úmido
transeunte
clown

ao soluçar, fenecesse amor.

O TEMPO PRÓXIMO

para Jorge Melo

coração do meu lugar tempo da minha distância espelhada e gris

quando for noite três vezes o escuro fechando as portas do céu

vai ter meu peito
com as estrelas
e só com elas
e a elas confiará
(meu peito)
teu coração impublicável

Ι

por estarmos em campana e sós, atentos a tudo que se passa em nós, e a tudo ultrapassa, perdurando,

devotando-nos à vida, ao todo é que chegar podemos exatamente onde estamos

II

sói luar contudo acácia negra completamente

como fora ludo o rei negro astro demente

OS PRÊMIOS / cortazariana

uma estrela sórdida uma mulher maciça e letárgica uma tribuna ou um altar vistos de trás

ATALAIA

aquela barriga peluda de ratazana dizendo-me cheira a maldição da cola e da coca e da coca do mucuripe.

aquela putana peluda de esquina dizendo-me oh que mulher bonita terás no mucuripe.

GESTALT

nas nuvens achar teu telefone

MARIA CLARA

o céu é azul porque as nuvens são brancas

ROSTO DO MUNDO

I em meu peito uma lua náufraga adeja o rosto do mundo archote golpeia o céu um galo-das-trevas trevo espedaçado.

na nuca cravos uma catedral românica cavalos Gorgó.

até a têmpora pelo couro cabeludo os poros do tempo dilatam ventos ancestrais que engendram dunas móveis

a pele do fogo adere à pele da alma

a luz da água engasta o sono do cristal ΙΙ

o rosto esvazia-se em tudo penetra deslinda o lápis que o traz ao mundo

esquece e esquece-se

o rosto desnudo e o poço seca:

o coração não enxerga e o mais um beijo não dado

III

o rosto corroído na suavidade é o vento que grassa multiplicando a vida mas

os dentes querem
e às mãos
frêmito
ânsia dos olhos
num gozo confuso

tudo tênue turbilhão

(o peito infla mas a espada só fura o passado) (uma lágrima é metralhadora e não mira)

O GRILO

nem albatroz nem fera é o grilo, rouca esfera invisível, que do pranto transmuta sentimento mais risível, de deboche da noite pelo insone fantoche

LETRA DO SILÊNCIO

só mesmo a cor do invisível pra te dizer te amo mesmo

antes de tudo há um desejo te amo mesmo antes de tudo

a cor do invisível, letra do silêncio: amor, pensar-se dois.

BENTO

cada teu movimento é um lento testemunho de coisa viva pulsante de ordem celestial, e ante a ordem do dia, fato primordial

dos olhos da mãe aos grãos à cinturinha aos pés e mãos plantei-te, Bento, feito erva, avenca ou verbena, disseminei-te ao vento enquanto espojo-me ao chão

e se teu pai é um bobão
para te dar bom conselho
à medida que fiques velho
verás por ti que amor não falha

mas enquanto não cresce teu dentinho e te guias pela glândula lacrimal papai estará do teu lado, Bentinho para espantar o papão e o babau

SATOR AREPO TENET OPERA ROTAS

à certa hora será prudente a espera

à certa hora o lavrador não ara

à certa hora o tempo lesto vara a roda o vento a perna

à certa hora nada nos governa

O GUARDIÃO DE ESTRELAS

direi uma vez o que queres saber não perguntes mais

toco teu coração como
posso fazer que o toques
e me ouvirás pois guardo
tua estrela ouvirás
o que sou palimpsesto
espelho e mais nada

e assim ouvirás meu canto entre tantos outros sendo tua própria procura

costura das tuas vestes víscera dos teus sonhos se me escutares com assombro então terás teu pasto

continuarei sendo fonte longe de tuas pegadas porém é com teu arroubo que proverás chegada

e meu silêncio será teu adubo e minha pureza tua morada e nada mais perguntarás

PRANTO FÉRTIL

o que nasce no parto 'inda que boa parteira derrama sangue de lágrimas

nuvem e trovão: a água turva-se

trovão e chuva: tempestade eclode 'inda que pranto fértil

DOS PÉS/um relato

para Nuno Gonçalves

disseste de ti eu sou um filho da distância que separa a astúcia, desencravada nas entranhas, do coração forte que se ergue teimoso. da inocência sem repouso ao palácio das mil divindades. e assim disseste é tua dor, como cabo de aco tensionado, e assim, continuas, gozo nos céus e desço aos infernos, ao cabo de um bocejo de um meu dessemelhante. e faço chorar as pedras, diz mais. e reviro o mundo como malabares, então choro. deste meu grande impeto, desta minha existência que não se aceita, como um camaleão em fuga, e contudo degenera regenerando, faço nascer o que já é ruína. e isso é luta para sempre, rompimento de aurora a crepúsculo a aurora a aurora. ainda assim não se me agarra qualquer imagem, portanto é preferível que esqueçam. sou como um camaleão em fuga. não sou uma estrela hibernante, quero só conquistar memória e memória, adiante, e pelo mistério. surpreendem-me minhas próprias mãos em silêncio, em mim nada mora.

(foi o relato comprido de

uma luta vã. não eram do chão meus pés obtusos. crestando para mais longe, soendo ilusões. meus pés que não pisam. meus pés que não decidem. meus pés que não brincam e há muito sequer cruzam-se. meus pés que descobriram cada um sua história, um a do acaso, outro a do destino.)

EXÉRCITO

um fogo que não permite sombra dentro de nós. que não abranda de luz. na paz o fogo invisível (invencível) urde a grã-guerra subjazidia água de regato

este um fogo não
premeditado
como se
soletrado modulado
à pele aderido
nem sorrateiro

este fogo sabe a água

ou demorado mas sem tempo e de luz se diz este um fogo é um fim para um meio

um mar para um

fim

verdade

(cântaro de barro cheio)

de águas.

O PODER DE DOMAR DO PEQUENO

```
ser vento é ter nuvem
/ é nunca ter pressa
mas às vezes correr /
```

ser vento é pegar estrada é não permanecer em si é ser semi-além.

a lua está quase cheia. chuva vem, repouso chega.

3 PATAS

ingenuidade é um bicho de três patas. e destas não se desdobrará nenhum sonho a servir-lhe de adorno, e ao bicho não será permitido qualquer crédito de realidade, a não ser que sua ingenuidade esteja a se mascarar de feérica miséria. e agora que estamos nesse mais-além de uma página lentamente afundada sobre nossos calcanhares, desejo por um instante possível, e sem manifestar admoestação, fazer pousar teus olhos em suas órbitas e volvê-los levemente para a vasta paisagem que as três patas de tua ingenuidade desenharam, à procura do caminho certo que você prometeu a cada uma delas, e vendo quem tardaria a saber impossível enxergar o fim, o começo, idéia que dói e logo, amedrontado, fecha-se os olhos.

SURF´S UP / oju oyá

que a fúria calma do mar lave a raiva triste de meus pés pantanosos

o mar, esse trato que faço contigo de te amar esse pacto mineral

enquanto os olhos do vento pervagam a frágil ossatura marítima e o caule indócil do tempo sustenta toda leveza como se só leveza fosse:

de dentro uma fome irriga os poros mas ainda não é a necessária lágrima

DESENHO DE UM TIGRE AZUL

teu espanto traz outros dentros para o tempo do meu peito.

desenha e arde caminhos. nas pegadas o desejo fala uns poucos segredos nus.

o turíbulo que te acompanha guarda o suave presságio de inscrições antiqüíssimas.

e são tantas fisionomias que a vida não repete para além de tua órbita

se de luas não cerrares entre as pálpebras o sangue eivado de brio felino:

na palma escanchada, no suspiro pagão entranhado na treva, ajoujado no ventre, na fimbria do dorso torso.

O REGISTRADOR DE LUARES

o coaxar do sapo é sintoma
de já a lua a aliviar os lábios
que pesam sobre as omoplatas,
a transbordar das guelras da noite
e oxidar o sonho que porventura finja

pois se é com corpo que calo o corpo teu nome não deixará de surgir nesse ranger entre músculo e luz

esta lua, eu sei que ajunta mendigos e faz suspirar donzelas ancestrais também virá em meu favor

mas enquanto não se interpõe que corcéis trariam no sono em fúria o repasto

para que a argamassa dos instintos vingue durante a vigília, na hora do câncer, da dor?

ABISMAL

se triste, sê bem triste, sê
mais vago que um traço
e de um fogo o paiol todo
sê mais largo que um sonho
e de um lago a distância
que o vento percorrer
sem que pássaros naufraguem

PEDRA ILEGÍVEL

uma pedra grávida trafega muda na terra vasta

uma pedra morta
nasce de
outra viva

uma pedra ilegível susurra o infinito